
O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.
Ovid. Met. IV.

DOMINGO 9 DE MAIO DE 1850.

DA LIBERDADE INDIVIDUAL.

(Continuação da pag. 39 N.º 4.º)

Em vão se procuraria, para interesse das luzes, dar certa latitude ou segurança á imprensa, n'um paiz, em que os ministros a seu arbitrio decretassem prizões e degredos. Um escritor, ainda mesmo observando fielmente as leis, que fôsse de encontro ás opiniões da authoridade, ou tivesse a franqueza de censurallas, não seria, é verdade, prezo ou desterrado como escritor; porém, sem se lhe imputar crime algum, iria prezo ou degradado como um individuo suspeito e perigoso.

Mas, de que serve estar a accumular exemplos para mostrar o desenvolvimento de uma verdade tão manifesta? Os empregados publicos, os proprios particulares, vivirão todos igualmente ameaçados. O credor importuno, que tivesse por devedor um agente do poder, o pai

severo, que lhe recuzasse a mão de sua filha, o marido impertinente, que de suas siladas defendesse a virtude da esposa, o competidor ou o magistrado, cujo merecimento ou vigilancia servissem de obstaculo a seus occultos e ambiciosos projectos, não há duvida que não seriam perseguidos como credores, como pais, como esposos, como magistrados rectos, nem como rivaes; mas, podendo a authoridade prendêllos e desterallos por motivos occultos, aonde existiria a garantia capaz por si de legitimar esses motivos occultos? Que risco correria a authoridade? Ella não estaria obrigada a prestar uma conta legal de seus actos; e quanto á explicação, que a prudencia por ventura a induzisse a dar á opinião publica, como se não permittiria examinalla nem verificalla, quem não vê que a calumnia poderia sem custo nem receio motivar a perseguição? Uma vez que se tolere a arbitrariedade, ninguém vive isento de perigo, instituição nem uma lhe escapa: as bases de todas ellas estão sujeitas a ser a cada momento destruidas. Ella cega, engana a sociedade com formas, que sabe tornar inefficazes. Todas as promessas degenerão em verdadeiros perjuros, são as garantias outros tantos laços inevitaveis, em que cahem os desgraçados, que n'ellas confião.

Aquelles que pertendem desculpar a arbitrariedade, ou encobrir-lhe os perigosos effeitos, fingem crêr que os cidadãos não tem relações senão com o primeiro depositario da authoridade; como se as que elles tem com os agentes secundarios não fôsem inevitaveis, e até mais directas. Quando consentis na prizão, no desterro, e na perseguição, que lei nem uma authoriza, ou a que não precedeo processo algum; não é ao arbitrio do monarca,

nem mesmo ao dos ministros, mas sim ao aqoute da authoridade mais subalterna, que vós entregais os cidadãos. Esta authoridade subalterna póde perseguillos, perdellos por effeito de uma medida provisoria, e depois facilmente justifica essa medida com uma participação falsa. Elle tem certo o triumpho, sempre que poder enganar, e da faculdade de enganar ninguem a priva; pois que, quanto mais o príncipe, e os ministros se esmerarem em dirigir com efficacia os negocios publicos, favorecendo o augmento da prosperidade, riqueza, dignidade, e poder do Estado, tanto mais difficil lhes será, em consequencia da mesma extensão de tão importantes funcções, entrar no miudo exame dos interesses individuaes; interesses estes minuciosos e imperceptiveis, se os comparamos com o interesse geral, e todavia não menos sagrado, que comprehende a vida, a liberdade, e a segurança da innocencia. Não se póde, pois, taxar de demasiado severa toda e qualquer precaução, que tenda a destruir semelhante complicação de baixezas, crueldades e perfidias. Não deve a authoridade por modo algum entregar-se ao cruel prazer de apurar a resignação dos cidadãos.

M. BENJ. DE CONSTANT. *Curso de Política Constitucional.*

HISTORIA DE UNS AMORES ANTES DO DILUVIO:

Era Hilpa uma das cento e cincoenta filhas de Zilpah, descendente de Cohu, que alguns authores julgão ser Caïn. Como fôsse muito formosa, ainda não bem contava

setenta annos de idade, e já attendia ás finezas, que lhe rendião varios moços, que a namoravão. Entre estes se distinguão dous irmãos, Harpath e Shalum: o primogenito, Harpath, era senhor da fertil região, que se acha situada nas faldas do monte Tirzah, ao sul da China. Shalum, (que na lingua Chinezã significa lavrador), possuia todos os outeiros circumvesinhos, e aquella corda de serras, geralmente chamada *Cordilheira de Tirzah*. Harpath era dotado de um caracter altivo e desprezador; tinha Shalum um genio meigo e brando, gosava da estimação de Deos, e do amor dos ómens.

Dizem que antes do Diluvio, chegarão as filhas de Cohu a fazer-se celebres, em consequencia do muito aprêço, em que tinham as riquezas: e foi por este motivo que a bella Hilpa, vendo os numerosos rebanhos de Harpath espalhados pelas vastas e ricas terras, que rematão nas faldas da Cordilheira de Tirzah, e admirando as claras fontes, e os muitos ribeiros, que as aformosêo, preferio este a Shalum.

Harpath andou tão depressa com o seu namôro, que casou com Hilpa ainda na flôr da idade, pois que ella apenas contava cem annos; e por isso que era em extremo arrogante e insolente, fez escarneo de seu irmão Shalum, o qual, não possuindo mais do que uma extensa cadêa de rochêdos e de montes, tivêra a ousadia de aspirar á mão da formosa Hilpa. Shalum resentio-se tanto d'este insulto, que amaldiçoou a seu irmão na amargura de seu coração, e fervorosamente pediu a Deos que o fizesse expirar esmagado pela quêda de um de seus montes, se elle algum dia, fugindo aos

ardentes raios do sol, viesse procurar descansar á sombra d'elles.

Desde então nunca Harpath se aventurou a passar os limites de seus valles; mas, affogando-se n'um rio, e querendo atravessallo, terminou por uma morte prematura a sua brilhante carreira, aos duzentos e cincoenta annos de idade. Em consequencia d'este triste acontecimento, dão-se ao tal rio o nome de Harpath; e o que não deixa de parecer extraordinario, é que elle nasce na base de um d'aquelles montes, que Shalum, no momento de amaldiçoar á seu irmão na amargura de seu coração, desejára que o sepultasse debaixo de si.

Tinha Hilpa só cento e sessenta annos, quando seu marido lhe faltou, e não ficou senão com cincoenta filhos que d'elle houve.

Principiárão logo muitos ^{que se persuadiram} que a todos levaria a viuva, se ^{se} persuadissem que a todos levaria a palma o seu primeiro amante Shalum; o qual de novo lhe tributou seus affectos, perto de dez annos depois da morte de Harpath: n'aquelle tempo, não ficava airoso a uma viuva receber os obsequios, e corresponder ás finezas de um ómem, senão no fim de dez annos de viuvez.

Passava Shalum a sua vida entregue a uma profunda melancolia; e como estivesse resolvido a remover o grande obstaculo, que impedira a sua tão desejada união com Hilpa, principiou, logo que se effectuou o casamento de Harpath, a cultivar a região montanhosa, que lhe tocára por sorte. Elle conhecia perfeitamente a qualidade do terreno, que convinha ás diversas plantas, e até dizer que herdára do primeiro ómem muitos segredos d'este

importante arte. Este trabalho, ao passo que o distrahia de suas penas, foi-lhe no resultado summamente proveitoso: dentro em poucos annos apparecêrão seus montes cobertos de tenras arvores, as quaes, á medida que ião crescendo, ião tambem formando lindos arvoredos, bosques, e florestas, intermediados com passeios, e jardins; tanto que toda aquella rogião, triste, nua, e despovoada, como era d'antes, em tudo parecia agora um segundo paraizo. A belleza do lugar, e as maneiras civís e delicadas de Shalum, a quem os contemporaneos tinham pelo ómem mais affavel e mais sabio do seu tempo, atrahirão milhares de pessoas, que sem interrupção se dêrão ao trabalho de fabricar poços, e cavar fossos, a fim de encaminhar a agua para todos os pontos d'aquella vasta plantação,

As moradas de Shalum cada anno parecião mais formosas aos olhos de Hilpa; no fim de setenta outomnos ficou ella por extrêmo encantada da agradavel perspectiva das montanhas de Shalum; as quaes, a esse tempo achando-se já cobertas de hum sem conto de arvores, offerecião á vista a paysagem mais formosa possivel,

Os Chinas conservão uma carta, que, segundo dizem, Shalum escreveu a Hilpa, no undecimo anno da sua viuvez. Aqui a transcrevo fielmente, julgando não dever affastar-me da simplicidade, e da franqueza dos sentimentos, que tanto luzem no original,

Shalum tinha n'aquelle tempo cento e oitenta annos, e Hilpa cento e setenta,

Shalum, Senhor do Monte Tirzah, a Hilpa, Senhora dos Valles,

No anno 788 depois do creação do mundo.

“ Quanto não tenho eu soffrido, oh tu, filha de Zilpah! desde que te lançaste nos braços do meu rival! Aborrecido da luz do sol, busquei a escuridão, e sempre tenho vivido longe do mundo no centro de bosques e florestas. Pelo espaço de setenta annos tenho eu deplorado a tua perda no cume do monte Tirzah, e muito me hei esforçado por suavisar a minha melancolia, nutrindo-a por entre as tristonhas sombras, que muito além do numero de mil se contão nas minhas montanhas. Hoje essas minhas moradas assemelhão-se ao jardim de Deos; a cada passo n’ellas se encontrão frutas, flores, e fontes. Já mandei perfumar todo o monte, para te convidar a vir honrallo com a tua presença. Vem pois, deixa os ~~teus~~ valles, oh minha muito amada! e povoêmos esta pequena porção do mundo com uma linda raça de mortaes; sim, aformossêmos estas agradaveis sombras com um numero prodigioso de filhos, e filhas. Lembra-te, oh filha de Zilpah! que a idade do ómem não passa além de cem mil annos; que a belleza, esse divino dom, que tanto te adorna, não dura senão uns poucos de seculos. Ella floresce á maneira do carvalho, ou do cedro, que se descobre no cume do monte Tirzah, o qual, no fim de trezentos ou quatrocentos annos, murcha, perece, e d’elle a posteridade se não recorda mais, se de suas rai- zes não brotarem tenras hastes. Pensa bem nisto, e conserva sempre na lembrança o teu yesinho das montanhas.”

Tendo inserido esta carta, que me parece ser o unico *bilhete de amor* do tempo anterior ao Diluvio que hoje existe, no Numero seguinte transcreverei a sua resposta, e a conclusão d'esta historia.

A CÔRTE, E OS POSTOS EMINENTES.

O ómem sabio e justo encontrará sempre na Córte, e nos postos eminentes, grandes obstaculos á salvação: é na Córte, e nos postos eminentes, que de ordinario se armão laços á virtude; alli é que se soltão as rédeas ás paixões, em consequencia da muita facilidade que há em satisfazêllas; alli é que o ómem se sente inclinado a considerar-se um ente de uma especie particular, e infinitamente superior a seus semelhantes; alli é que todos alternadamente se tornão tyrannos, e que o cortezão, para compensar a escravidão, a que o principe o reduz, piza, acabrunha, e escravisa o ómem, que vive debaixo do seu dominio; alli é que se fabricão essas intrigas occultas, esses enrêdos clandestinos, esses tramas sanguinarios, e essas criminosas conspirações, de que tantas vezes é victima a innocencia; é alli que todos respirão o veneno da lisonja, e que todos o tomão com gosto; é alli que a imaginação se prostra na presença de frivolas divindades, e que miseraveis idolos recebem as homenagens supremas, só devidas ao Deos Soberano; é alli que a alma, levada de imagens seductoras, se acha, como por força, toda entregue a importunas lembranças; sempre que deseja recrear-se nas meditações verdadeiramente dignas de uma intelligencia immortal; em fim, é na Córte, e nos postos eminentes, é alli que o ómem se perde arrastado pela corrente, e que

exemplos, na apparencia illustres, authorizão os attentados mais criminosos, e insensivelmente fazem desvanecer a delicadeza da consciencia, e o horror do crime, barreiras estas d'antes mui poderosas, e tão capazes de contêllo dentro dos limites da virtude.

Saurin.

HISTORIA DE CATHERINA ALEXOWNA, *Esposa de PEDRO GRANDE, imperador da Russia.*

CATHERINA ALEXOWNA nascêo perto de Derpart, pequena Cidade da Livonia, de parentes mui pobres. Ainda na flôr dos annos, experimentou a perda de seu pai, e o trabalho de suas mãos apenas chegava para a sua subsistencia, e de uma mãe soffrendo sob o pêzo de enfermidades.

Ella era formosa e bem feita; e a natureza a dotára de um talento agudo, recto e sólido. Aprendêo a lêr com sua mãe, e um velho cura lutherano a instruiu nos principios e nos deveres da religião.

Ainda bem Catherina não tinha quinze annos, quando lhe morrêo sua mãe; ella foi viver na companhia do cura lutherano, e dêo ás filhas d'aquelle sacerdote a educação, que d'elle recebêra na sua infancia. Tomou junto com suas discipulas lições de dança e de musica, e continuou a aperfeiçoar-se n'estas duas artes até á morte do seu bemfeitor: em consequencia d'aquelle desgraça, cahio n'um horroroso estado de indigencia; e a guerra, que se ateou entre a Russia e a Suecia, obrigou Catherina a deixar a patria, e a ir buscar um asylo em Marienbourg.

Ella vio-se na rigorosa necessidade de atravessar pé um paiz, que asselvado dos exercitos inimigos. De-

pois de escapar a muitos perigos, foi acometida por dous soldados Suecos, os quaes sem duvida lhe terião feito violencia, se um official inferior não se apressasse a soccorrêlla. Cuidou logo em manifestar a gratidão, que lhe inspirava uma acção tão generosa; mas, que espanto não foi o seu, reconhecendo na pessoa do seu libertador o filho do pastor lutherano, que tanto a protegêra nos tenros annos! O joven official ministrou a Catherina os soccorros necessarios para concluir a sua viagem, e lhe dêo uma carta de recommendação para Mr. Gluck, antigo amigo de seu pai, então seu intimo amigo em Marienbourg. Aquella carta, e mais que tudo, o seu talento, suas engraçadas maneiras, e a sua belleza, valêrão-lhe uma tão favoravel recepção, que apesar de não ter mais de dezasete annos de idade, Mr. Gluck logo lhe confiou a educação de suas duas filhas. N'este emprego, soube ella tão bem grangear a estima do pai de suas discipulas, que Mr. Gluck, a esse tempo viuvo, julgou do seu dever offerter-lhe a sua mão. Catherina a recusou; e sem mais demora, offereceo a sua ao seu libertador, posto que elle tivesse perdido um braço, e se achasse desfigurado por numerosas cicatrizes.

Era por certo impossivel presentir a futura grandeza de Catherina; mas, mesmo suppondo que assim fôsse possible, esses, que a previssem, desde logo conhecerião que uma alma tão bem formada seria em todo o tempo superior á fortuna, ainda a mais brilhante. O joven official estava então de guarnição na cidade. Sua surpresa foi igual á sua gratidão; elle aceitou com transporte a mão de Catherina. Tinhão já os dous noivos recebido a benção nupcial; no mesmo dia pôem os Russos sitio a

Mariembourg; o joven official é chamado para repellir um assalto, e expira, coberto de gloria, antes de haver colhido o fruto da generosidade e da gratidão de sua esposa.

Continuou o cerco com furor; e Mariembourg foi tomada de assalto. A guarnição, os habitantes, as mulheres, as crianças, tudo foi passado ao fio da espada. Em fim, cessou a mortandade, e os vencedores fôrão achar Catherina escondida n'um forno.

Tendo já arrostado com a indigencia, tambem soube conservar na escravidão toda a sua serenidade. Esta coragem varonil, e seu raro merecimento bem depressa a dêrão a conhecer. Houve quem d'ella fallasse na presença do principe Menzikoff, general Russo, cujo destino, pelo que tinha de extraordinario, muito se assemelhava ao de Catherina. Elle quiz vêlla; ficou cativo da sua belleza; comprou-a ao soldado, proprietario d'ella, e a confiou ao carinhoso cuidado de sua propria irmã; em fim, tratou-a com o respeito, e todos os desvélos devidos ao seu sexo, e a seus infortunios.

Passado algum tempo, foi Pedro-Grande fazer uma vesita ao principe Menzikoff. Catherina servio á meza com muita graça e modestia. Foi grande a impressão, que ella produzio no animo do imperador; o qual voltou logo no dia seguinte, mandou vir á sua presença a formosa escrava, fez-lhe varias perguntas, e achou que os encantos do espirito erão n'ella superiores aos da figura. Pedro, que sabia crear os ómens, sabia tambem julgallos. Elle persuadio-se que Catherina era digna de ajudallo em suas grandes e vastas emprezas; e assim, sympathisando o amor com suas vistas politicas, resolveu casa-rse com ella. Informou-se de todas as particula-

ridades da sua vida, foi conhecêlla nos seus primeiros annos; acompanhou-a na sua obscuridade, n'esse estado, em que a alma, obrigada a valer-se de suas unicas e proprias forças, luta com a fortuna, sem ter espectadores, que a observem, e triumphá sem receber applausos. E vendo que Catherina sempre sustentára um caracter nobre, e verdadeiramente grande, julgou que era este um titulo mais que sufficiente para a elevar ao grau de imperatriz: todavia, achou conveniente celebrar as suas nupcias occultamente.

Collocada no throno imperial, Catherina realisou as esperanças de seu digno esposo. Em quanto Pedro cuidava em formar os ómens taes como queria que elles fôsem, ella não se poupava ao trabalho de aperfeicoar a educação das pessoas do seu sexo, mudando-lhes o vestuario, inspirando-lhes o gosto da leitura, e estabelecendo o uso das sociedades: ella consagrou toda a sua vida aos deveres de imperatriz, de amiga, de esposa, e de mãe. Em fim, Catherina possuiu os talentos do outro sexo, mas nunca lhe sacrificou as virtudes e os adornos do seu; e a coragem, que a acompanhára na desgraça, e a distinguira no throno, não a desamparou nos ultimos momentos, com essa mesma morreo.

Variedades Litterarias.

MAXIMA.

Por muito maus que os ómens sejam, não se atrevem a mostrar-se inimigos da virtude; e quando a querem perseguir, ou fingem crêr que ella é falsa, ou lhe suppõem crimes.

Mr. De La Rochefoucauld.